

FINAN CEIRO

João Paulo Dias



PREVER, A ARTE DO IMPOSSÍVEL

Como provam os acontecimentos de 2008, antever comportamentos no sector financeiro é uma arte arriscada. Para 2009 os dois especialistas estão certos de uma coisa: haverá mais Estado na economia.

Por Francisco Telxeira

Prever com um ano de antecedência o que vai marcar a agenda é sempre um exercício difícil. Mas quando estamos a falar dos sectores bancário e financeiro ainda mais.

Luis Branco, sócio da MLGTS, e Pedro Cassiano Santos, sócio da VdA, coincidem em dois aspectos. Por um lado, foram considerados pelo directório da Chambers como os advogados que mais se distinguiram em Portugal no último ano nesta área da advocacia. Por outro lado, as previsões que fizeram para 2008 acabaram por ser largamente superadas pela realidade. A razão é simples: ao longo do último ano lideraram alguns dos principais negócios que ocorreram no sector bancário e financeiro. “O ano passado [2007] previ que este ano fosse mau e aceitei fazer coisas académicas mais do que é normal. Hoje estou arrependido porque este ano na nossa equipa vamos ter o melhor ano de sempre. Estou convencido de que para o ano não será assim”, diz Luís Branco. Este, aliás, é um ponto em que

Quem é quem

Luís Branco (à direita) tirou o curso de Direito na Universidade Católica. Fez o estágio com um advogado amigo da família mas acabou por “ter a sorte” de trabalhar num escritório que estava a ter os benefícios da explosão dos anos 80: Abreu e Marques. Em 2001, trabalhou com Miguel Galvão Teles e com o João Soares da Silva e, daí, à “atmosfera de pré-fusão” foi um pequeno passo. Já Pedro Cassiano Santos (em baixo, à esquerda) acabou por ser o mais novo dos sócios fundadores da VdA por uma coincidência. Jogava rãguebi com o amigo João Vieira de Almeida no Belenenses quando, num treino, ficou decidido que iria trabalhar no embrião da VdA. Tirou Direito na Clássica de Lisboa e estudou um ano na Universidade da Europa. Esteve como advogado residente e assistiu à criação do Deutsche Bank em Portugal. Lidera uma equipa de 17 pessoas: “Uma experiência difícil mas gratificante”. **O**



os outros advogados voltam a coincidir: 2009 será certamente um ano mais difícil do que foi o ano de 2008. “Não há mercado de liquidez há um ano e o problema que se gerou é o de se conseguir colocar a pouca liquidez que existe”, aponta Pedro Cassiano Santos.

2008 foi, por tudo, um ano atípico para quem trabalha no sector financeiro. Não foram apenas as falências, fusões, aquisições, nacionalizações, pedidos de apoios, os empréstimos cancelados ou as fusões e aquisições que caíram a pique. Foi, acima de tudo, o facto de ter surgido tudo ao mesmo tempo incluindo a contaminação da crise financeira à economia real. “Estamos preparados para a possibilidade de uma crise económica vir a seguir à crise financeira e, por isso, 2009 é uma incerteza” acrescenta Cassiano Santos.

Numa altura em que o papel activo do Estado na economia regressou às manchetes dos

jornais, Luís Branco diz que as suas “intervenções não têm sido muito boas e ainda estamos, agora passados vinte anos, a pagar os custos da nacionalização tardia de muitos sectores da economia”. As reservas estendem-se a Pedro Cassiano Santos que lembra que é “preciso não esquecer que o Estado já manda num terço do sistema financeiro através da CGD”.

“É preciso não esquecer que o Estado já manda num terço da banca”, diz Cassiano Santos

Com o próximo ano marcado por três eleições, Pedro Cassiano Santos mostra-se optimista. “Tendo em conta os vários projectos de obras públicas que foram lançados começamos a ter alguns sinais de que a crise também tem que acabar” diz Pedro Cassiano Santos que vê nas fragilidades oportunidades. “Acho que por sermos pequenos também temos mais agilidade para responder às dificuldades”, diz o sócio da Vieira de Almeida. Na mesma linha, Luís Branco, vê com bons olhos “o facto de o Estado se assumir como a locomotiva da economia.” **O**